

Júlio Ribeiro: leitura sobre a trajetória de um intelectual maçom e protestante na cidade de Sorocaba na segunda metade do século XIX

Júlio Ribeiro: a reading on the trajectory of a Mason and protestant intellectual in the city of Sorocaba in the second half of the nineteenth century

Júlio Ribeiro: lectura de la historia de un intelectual Mason y protestante en la ciudad de Sorocaba, en la segunda mitad del siglo XIX

Ivanilson Bezerra da Silva¹

Recebido em: 11/1/2012

Aceito para publicação em: 17/5/2012

Resumo: Este trabalho tem como objetivo analisar a trajetória de Júlio Ribeiro, intelectual maçom e presbiteriano, na segunda metade do século XIX, mostrando que tal personagem, juntamente com outros atores sociais, tinha como proposta a

¹ Doutorando em Educação, História da Educação e Historiografia e mestre em Educação, História da Educação e Historiografia pela Universidade de São Paulo (USP). Pedagogo pela Universidade de Sorocaba (Uniso). Professor titular e membro do conselho superior da Uniesp – Faculdade de Sorocaba –, no curso de Pedagogia, e professor responsável pelo grupo de pesquisa em História, Sociedade e Educação. Membro do Grupo de Estudos História da Educação e Religião (Geher) da USP e do Núcleo Multidisciplinar de Estudos do Protestantismo (Numep) do Mackenzie.

modernização de sua cidade. Verifica-se que, para atingir essa meta, foram utilizadas as mais variadas estratégias para difundir a ideologia da elite sorocabana, sendo um dos principais meios a imprensa jornalística. Com base no conceito de campo de Bourdieu (2004a), observa-se que a cidade de Sorocaba no fim do século XIX se configurava como um espaço social de poder construído por meio das relações entre diversos agentes sociais pertencentes aos diversos campos que compunham a dinâmica urbana: político, religioso, social e educacional. Nos campos político e religioso alguns agentes sociais eram oriundos da maçonaria e do presbiterianismo e, para solidificar seu projeto político, valeram-se de várias estratégias: organização de instituições escolares (maçônicas e protestantes), uso da imprensa jornalística, inserção no campo político, modernização da cidade, libertação de escravos, industrialização, entre outros.

Palavras-chave: intelectual; maçonaria; presbiterianismo; cidade.

Abstract: This study aims to analyze the trajectory of Júlio Ribeiro, an intellectual who was Masonic and Presbyterian, in the second half of the 19th century, showing that such character, along with other social actors, had as proposal the modernization of his city. To attain this goal, various strategies were used to spread the ideology of Sorocaba's elite, being journalistic media one of the main. Based on Bourdieu concept of field (2004a), it's noted that the city of Sorocaba, in the late 19th century, is configured as a space of power built through social relations among the actors of different areas that make up the urban dynamics: political, religious, social and educational. In the political and religious field, some social agents were of Freemasonry and Presbyterianism and, to consolidate their political project, they have used various stratagems: organization of educational institutions (protestant and Masonic), use of journalistic press, insertion in the political field, modernization of the city, liberation of slaves, industrialization, among others.

Keywords: intellectual; Freemasonry; Presbyterianism; City.

Resumen: Este estudio pretende analizar la trayectoria del intelectual Júlio Ribeiro, masónico y presbiteriano, en la segunda mitad del siglo XIX, mostrando que tal personaje, junto con otros actores sociales, tenía como propuesta la modernización de su ciudad. Para lograr este objetivo, fueron utilizadas diversas estrategias para difundir la ideología de la elite de Sorocaba, siendo los medios periodísticos, una de las principales. Basado en el concepto de Bourdieu de campo (2004a), se observa que la ciudad de Sorocaba, a finales del siglo XIX, se configura como un espacio de poder construido a través de las relaciones sociales entre los actores de diferentes áreas que conforman la dinámica urbana: política, religiosa, social y educativa. En el campo político y religioso, algunos agentes sociales eran de la masonería y profesaban el presbiterianismo y, para consolidar su proyecto político, utilizaron diversas estrategias: organización de instituciones educativas (protestantes y masónicas), el uso de la prensa periodística, inserción en el ámbito político, modernización de la ciudad, liberación de los esclavos, industrialización, entre otros.

Palabras clave: intelectual; Masonería; Presbiterianismo; ciudad.

INTRODUÇÃO

O estudo sobre os intelectuais brasileiros tem sido um campo fértil de discussão (ALONSO, 2002; GONDRA, 2004; REGO, 2006; NASCIMENTO, 2007; BONTEMPI JR., 2008), oferecendo contribuições as mais variadas para a historiografia brasileira. Entre as

personagens analisadas, destaco a importância de Júlio Ribeiro como intelectual que atuou em Sorocaba como jornalista, educador, abolicionista e republicano, ação bem parecida com a de outros intelectuais na cidade de São Paulo, como Francisco Rangel Pestana (BARBANTI, 1986), ou em Recife, como Sílvio Romero (NASCIMENTO, 2007). O estudo centrado em Júlio Ribeiro contribui para a história da educação, pois há poucas pesquisas sobre ele na perspectiva adotada neste trabalho. Segundo Silva (2010), sua ação na cidade de Sorocaba auxiliou em um processo de modernização que a elite sorocabana postulava na segunda metade do século XIX. Partidário da ideologia maçônica, abolicionista e republicana, foi responsável pela inserção do presbiterianismo em Sorocaba juntamente com missionários norte-americanos. Júlio Ribeiro, além de protestante, apoiou as iniciativas educacionais e políticas da Loja Maçônica Perseverança III.

Júlio Ribeiro é visto neste trabalho como um intelectual influenciado pelas ideologias da geração de 1870, não somente porque pertenceu ao quadro da Loja Maçônica América de São Paulo, mas porque boa parte da sua ação em Sorocaba é muito parecida com a dos intelectuais que atuaram em São Paulo (Cf. ALONSO, 2002). Deve-se levar em conta ainda sua formação intelectual nos anos de juventude, pois estudou na Escola Militar do Rio de Janeiro, em que teve contato com uma geração de docentes formados na Universidade de Coimbra (OLIVEIRA COBRA, 2011, p. 43).

Destaca-se, entretanto, que outros intelectuais tentaram desqualificá-lo. Em 1885 foram publicados vários artigos no jornal *A Província de São Paulo* intitulados “Cartas a Júlio Ribeiro” e “Bilhetes postais” (OLIVEIRA COBRA, 2011). Esse conflito é compreensível em qualquer campo, uma vez que os agentes sociais não entram apenas em demanda contra agentes de outros campos, mas também com os que pertencem ao seu próprio (BOURDIEU, 2007). Vale frisar que a trajetória intelectual de Júlio Ribeiro foi muito mais ampla, estendendo-se a várias cidades, como São Paulo, Campinas, Lorena, Piracicaba, Capivari, entre outras. Porém centro a atenção em sua trajetória na cidade de Sorocaba, onde produziu muitos textos literários e jornalísticos.

A discussão proposta representa uma aproximação em torno da categoria de intelectual. Para tanto, levaram-se em consideração os espaços social, geográfico e político de atuação de Júlio Ribeiro; as práticas políticas e educacionais; a produção literária e o lugar de circulação das suas ideias. Este trabalho tem como objetivo analisar a cidade como espaço de poder e a trajetória de um intelectual maçom e protestante na cidade de Sorocaba, tendo como recorte histórico o fim do Império e o início da República.

A CIDADE COMO ESPAÇO SOCIAL DE PODER

Para compreender a dinâmica urbana, a cidade de Sorocaba será analisada como espaço de poder composta por vários campos, com base na teoria de Bourdieu. Para ele, o espaço social é multidimensional, formado por um conjunto aberto de campos relativamente autônomos, ou seja, subordinados quanto ao seu funcionamento e às suas transformações. O conflito é evidente em todo tipo de campo, e cada um procura legitimar suas posições, alianças e oposições, configurando, portanto, um espaço social marcado pela lógica dos interesses de cada grupo.

O espaço social é formado por campos, microcosmos ou espaço de relações objetivas, que possui lógica própria e irreduzível. O campo é tanto um “campo de forças”, uma estrutura que constrange os agentes nele envolvidos, quanto um “campo de lutas”, em que os agentes atuam conforme suas posições relativas no campo de forças, conservando ou transformando a sua estrutura (BOURDIEU, 1996, p. 50).

Ao olhar a cidade de Sorocaba como campo de poder, centro a atenção em três campos específicos – político, religioso e educacional –, porque representam organizações

e instituições em que se concretiza a luta pelo poder. Os três campos são importantes para o trabalho, já que representam praticamente os instrumentos utilizados pelos agentes sociais pertencentes à maçonaria, ao presbiterianismo e ao catolicismo em Sorocaba para solidificar sua hegemonia na cidade.

É na cidade, especificamente na região central, que os republicanos, maçons, católicos e presbiterianos configuram seu lugar de poder. A cidade como espaço social, portanto lugar de disputa e legitimação de poder, detém a prerrogativa de produzir e disseminar conhecimentos que são determinantes na construção da cosmovisão que se pretende divulgar ou construir. Pode-se dizer que ela determina as políticas, as práticas sociais, a divisão social, a construção do *habitus*, a solidificação do capital, a visão de mundo e os interesses dos agentes sociais. O poder que determinado grupo pretende legitimar tem como objetivo impor a sua própria visão de mundo, portanto uma visão única da sua identidade, e uma visão idêntica da sua unidade (BOURDIEU, 2000, p. 117).

Ao analisar a dominação simbólica e as lutas regionais, Bourdieu (2000, p. 124) afirma que o regionalismo é:

apenas um caso particular das lutas propriamente simbólicas em que os agentes estão envolvidos quer individualmente e em estado de dispersão, quer coletivamente e em estado de organização, e em que está em jogo a conservação ou a transformação das relações de forças simbólicas e das vantagens correlativas, tanto econômicas como simbólicas; ou, se se prefere, a conservação ou transformação das leis de formação dos preços materiais ou simbólicos ligados às manifestações simbólicas (objetivas ou intencionais) da identidade social. Nesta luta pelos critérios de avaliação legítima, os agentes empenham interesses poderosos, vitais por vezes, na medida em que é o valor da pessoa enquanto reduzida socialmente à sua identidade social que está em jogo.

Nas relações de poder que se estabelecem no espaço social os dominados entram na luta em estado isolado, não têm outra escolha a não ser a da aceitação (resignada ou provocante, submissa ou revoltada). Mas de qualquer forma a sua identidade é construída pela visão dos dominadores, e não pela sua própria visão. Porém deve-se acentuar que Bourdieu não exclui a possibilidade de revolta por parte dos dominados. O espaço social e as diferenças que nele se configuram tendem a funcionar simbolicamente como espaço dos estilos de vida, ou seja, caracterizado pela diversidade, portanto com concepções diferentes de mundo. Percebe-se que naquele momento histórico, no interior de campos distintos, eram instauradas alianças mais ou menos duradouras. Os agentes dominantes ocupavam posições homólogas às dos dominados, mas recorriam frequentemente a estes, mediante uma espécie de capital cultural acumulado e ao tentarem fazer dos seus interesses econômicos o interesse dos próprios dominados, ou seja, algumas das reivindicações políticas e econômicas da elite sorocabana eram divulgadas como se fossem interesses das parcelas mais desfavorecidas da cidade.

Pode-se dizer que Sorocaba nesse período se organizou como espaço social de acordo com três dimensões fundamentais: os agentes distribuíram-se conforme o volume do capital possuído, a estrutura desse capital e a evolução, no tempo, do volume e da estrutura de seu capital.

Fica evidente que na reconfiguração do campo em Sorocaba os agentes sociais estabeleceram relações de força com vários campos com a finalidade de legitimar suas posições, alianças e oposições, compondo um espaço social marcado pela lógica dos interesses de cada grupo social. Assim, os campos são produto da história das suas posições constitutivas e das disposições que elas privilegiam. A existência de um campo é determinada pelos interesses específicos, investimentos econômicos e psicológicos que ele solicita a agentes dotados de um *habitus* e às instituições nele inseridas.

Podemos então falar em campo político (lutas entre partidos políticos), educacional (lutas entre diferentes tipos de escolas) e religioso (luta entre diferentes religiões). A permanência de um campo é determinada pela ação dos indivíduos e dos grupos, constituídos e constituintes de força, que investiam tempo, força, trabalho, dinheiro e outras ações que interessavam ao grupo e que garantiam a sua hegemonia.

Cada campo resulta dos processos de diferenciação social, portanto cada um possui sua própria identidade, conceitos, cosmovisão, seu próprio objeto, seu princípio de compreensão, valores, interesses específicos.

O campo também é entendido como um espaço relacional. A posição de um sujeito dentro do campo determina a forma como ele usufrui o ensino, a política, a cultura, a arte, a religião, a educação. Determina, igualmente, a maneira como produzimos e acumulamos esses bens culturais. O campo é um espaço social de relações objetivas entre indivíduos, coletividades ou instituições, que competem pela dominação de um cabedal específico.

A estrutura do campo é dada pelas relações de força entre os agentes (indivíduos e grupos) e as instituições que lutam pela hegemonia no interior do campo, ou seja, o monopólio da autoridade que outorga o poder de ditar as regras, de repartir o capital específico de cada campo. A forma como se reparte o capital dispõe as relações internas ao campo, isto é, dá a sua estrutura.

Para manter a hegemonia, os maçons da Loja Perseverança III, além de construírem as estratégias em torno da libertação dos escravos, da instrução escolar e da implantação da República, começaram a liderar outras agremiações: Partido Liberal, Gabinete de Leitura, Câmara Municipal, hospital, escolas. Isso implica dizer que eles estavam, praticamente, dominando vários espaços sociais e diversos campos na cidade de Sorocaba. No interior da loja maçônica eles discutiam e estabeleciam suas estratégias. Por meio da imprensa jornalística, eles divulgavam seus interesses e aquilo que eles achavam conveniente para justificar suas ações e procedimentos. A inserção em vários campos de poder foi possível por intermédio da dominação política, da dominação de outras instituições e do uso da imprensa jornalística sorocabana, instrumento utilizado com o objetivo de propagar os ideais defendidos. Vários jornais tinham como redatores pessoas pertencentes à maçonaria.

Segundo Hilsdorf (2003, p. 57), o período delimitado neste trabalho (1870-1899) é marcado por algumas transformações, entre elas

o crescimento dos setores de prestações de serviços e da pequena indústria (têxtil, por exemplo), associada ao início da urbanização, ao crescimento das camadas médias e ao aparecimento de um proletariado urbano formado pelos imigrantes que, chegados ao país, abandonam o trabalho na zona rural e passa às cidades.

Nesse contexto, a cidade é escolhida pelos imigrantes como lugar onde se exercem as atividades industriais e artesanais, tornando-os pequenos e médios proprietários. Hilsdorf (2003, p. 58) ressalta que, “da perspectiva do capital, é pelo crescimento desses setores do comércio e serviços no processo de imigração-urbanização que vai se dando a formação da camada de empresários industriais, muitos deles também agroexportadores”. Já na perspectiva dos trabalhadores, notam-se a formação do proletariado urbano pelos imigrantes estrangeiros e a migração do trabalhador nacional, bem como o processo de marginalização de ex-escravos.

Hilsdorf (2003) afirma que esse período de transformações é marcado pelo fim da monarquia, o fim do trabalho escravo e o início do trabalho livre e assalariado, assim como pela participação do capital estrangeiro tanto inglês quanto norte-americano. Pontua, também, a intensa circulação de novas tendências de pensamento: positivismo, industrialismo, ruralismo.

Sorocaba não segue um curso diferente desse processo analisado pelos historiadores citados. Nesse sentido, ao centrar a análise entre os anos de 1870-1899, pode-se de fato constatar que a cidade passa pelo acentuado processo de transformações políticas, educacionais e religiosas que vimos descrevendo. A cidade era predominantemente rural, e seu ciclo econômico dependia da chamada Feira de Muares (ALMEIDA, 1951), ligada ao tropeirismo.

Parte da elite sorocabana estava convencida de que a escravidão era anacrônica e constituía um empecilho para o desenvolvimento social e econômico da localidade. A alternativa, portanto, era incentivar a imigração com a finalidade de substituir a mão de obra escrava sem trazer prejuízos à vida da cidade. Porém boa parte dos escravos libertos encontrou na mendicância a forma de sobrevivência. “Ao negro sobrou a exclusão social. Com raras exceções não havia lugar para ele na nova sociedade industrial e moderna, onde os trabalhadores, na sua maior parte era imigrantes, já ocupavam seu espaço” (CAVALHEIRO, 2006, p. 15). Para Cavalheiro, a falta de habilidade do escravo em lidar com as novas técnicas industriais foi preenchida pelo trabalho dos imigrantes. Entre as iniciativas destes para a modernização da cidade estava a organização do Gabinete de Leitura, fundado em 13 de janeiro de 1867 pela colônia alemã na cidade e pelo húngaro Luiz Matheus Maylasky.

O modelo econômico postulado pela elite sorocabana trouxe mudanças significativas no espaço social da cidade. O que ocorreu em Sorocaba não foi diferente do que se dava no país, nesse período em que a nova configuração econômica e social afetou diretamente a maneira de viver e pensar nas cidades (MORAES, 1994, p. 18). O desenvolvimento econômico e até mesmo o crescimento populacional não significavam necessariamente que Sorocaba tinha encontrado o caminho da modernização.

A elite sorocabana morava na região central da cidade e tinha como porta-vozes Matheus Maylasky, Júlio Ribeiro, Ubaldino do Amaral e outros. Matheus Maylasky estava convencido de que a vida econômica da cidade centrada no comércio de animais era um impedimento para o seu progresso. Para tanto, fazia-se necessário convencer a população de adequar a sociedade a um novo modo de produção, pois comparada a outras cidades Sorocaba estava atrasada. O jornal *O Sorocabano* foi uma das ferramentas utilizadas por seus redatores-proprietários Maylasky, Júlio Ribeiro e Ubaldino do Amaral para convencer a população e, mais especificamente, a elite sorocabana no ano de 1870. Mais tarde o jornal passou a se chamar *O Sorocaba* e continuou sob a responsabilidade de Júlio Ribeiro, com a mesma perspectiva ideológica.

Ora, Maylasky, Ribeiro e Amaral estavam ligados às Lojas Maçônicas Perseverança III e Constância², organizações integrantes da maçonaria sorocabana, o que fortalecia suas relações de poder e tomada de posição.

A imprensa sorocabana serviu para os republicanos como instrumento de propagação de interesses, valores, princípios, visão de mundo, ideais políticos da elite dominante em Sorocaba. Tal elite era composta de comerciantes, industriais, políticos, intelectuais, jornalistas, quase todos pertencentes à maçonaria sorocabana. Tinham um ideal em comum: a construção de uma identidade social por meio dos ideais republicanos, cujo projeto político social era a escola. A ela se dava a responsabilidade do desenvolvimento econômico e social, bem como de instrumento de moralização e civilização das massas (PAVAN; PASSOS, 2009, p. 151).

A cidade como espaço social precisava, no entendimento da elite sorocabana, passar por um processo de modernização, que seria possível com novos investimentos políticos, econômicos e educacionais. Sem o devido investimento, segundo os agentes sociais do campo

² Iniciado na Loja Constância, Luiz Matheus Maylasky saiu para organizar a Loja Perseverança III. Porém, mais tarde, por questões políticas, encaminha por intermédio do venerável mestre da Loja Constância um parecer afirmando que nunca havia deixado o quadro da referida loja.

de poder, a sociedade sorocabana permaneceria no caos sustentado até então pelos políticos conservadores, ou seja, dependente economicamente da Feira de Muares, sem modernização do espaço urbano, sem via férrea, sem exploração do algodão, sem a industrialização, sem escolas suficientes, sem uma economia voltada para o progresso, sem a valorização da mão de obra qualificada e outros aspectos. Nesse sentido, a maçonaria sorocabana ligada à política liberal partidária estava estrategicamente articulada com a finalidade de legitimar a dominação dessa na cidade.

As questões supracitadas e as articulações políticas que construíam o rumo da cidade – ou pelo menos assim estavam presentes no imaginário político dessa parcela da elite sorocabana – eram urdidadas no interior da Loja Maçônica Perseverança III, que segundo a perspectiva adotada neste trabalho pode ser vista como um campo de poder. Tais maçons estavam envolvidos por uma rede de sociabilidade e mantinham uma forte relação de poder, que garantia não somente a reconfiguração do campo político e econômico da cidade, mas também a reconfiguração do espaço urbano. Sorocaba, portanto, torna-se o lugar de disputas e lutas em torno da solidificação do interesse de determinado grupo social, o qual, na medida em que dominava o campo político e econômico, manipulava as necessidades e os interesses da maioria da população desfavorecida, que talvez não precisasse ou não quisesse tal modernização articulada ou configurada na ótica dos agentes sociais mencionados.

INTELECTUAIS PROTESTANTES E MAÇONS NA CIDADE DE SOROCABA NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIX

A sociedade sorocabana até a implantação da República era dirigida pelo partido conservador monárquico. Este estava ligado à religião oficial, o catolicismo. A crise do modelo político monárquico fez com que uma parcela da elite sorocabana reivindicasse um novo sistema de governo, a República. Com a finalidade de fazer prevalecer sua concepção de mundo e seus valores, procurou expandir sua dominação nos mais variados campos sociais. Os intelectuais dessa classe organizaram-se e começaram a criar suas estratégias para a tomada do poder da cidade; pela criação dos diretórios (clube emancipatório, clube republicano, Gabinete de Leitura, indústrias, imprensa, comércio, escolas) construíram alianças com diferentes grupos sociais, modernizaram a cidade e utilizaram a imprensa para a formação de um consenso em torno das novas ideologias.

É nesse aspecto que vemos a aproximação dos protestantes com os maçons sorocabanos. Os missionários norte-americanos de certa forma tinham uma concepção de Estado já bem estruturada, fulcrada na ideologia liberal. A ideologia protestante fundamentada no liberalismo econômico, na individualidade e na ideologia capitalista veio ao encontro do modelo político que a elite sorocabana pretendia implantar (BARBANTI, 1977, 1986; RAMALHO, 1976; MENDONÇA, 2008).

Tanto o movimento republicano como o protestante recorreram à imprensa para divulgar suas ideologias – a maçonaria por intermédio de vários jornais, como já exposto, e o protestantismo por meio do jornal de circulação nacional, *A Imprensa Evangélica*, e dos jornais locais, *O Sorocabano* e *Gazeta Comercial*, que pertenciam a Júlio Ribeiro, intelectual protestante e membro da Loja Maçônica Perseverança III.

No contexto sorocabano, a escola era vista como um instrumento capaz de formar intelectuais de diversos níveis, qualificar os alunos para o trabalho e até mesmo estabelecer uma sociedade moderna. Cada categoria de escola no âmbito econômico e a adversidade de aspiração das várias classes sociais determinavam a postura e a especialização do seu intelectual, estabelecendo dessa forma a sua relação com o mundo da produção. Os protestantes e os maçons perceberam na escola o instrumento para legitimar sua forma de dominação. O protestantismo criou uma escola voltada para a formação do ser humano

pelos valores ético-morais. A maçonaria, por meio da educação, queria preparar o indivíduo para atuar naquele momento histórico marcado por profundas transformações econômicas. Ela pretendia preparar a classe dominada para a utilização das novas técnicas que o processo de industrialização exigia (MORAES, 1994).

Entendo que a relação que o intelectual estabelece com o mundo de produção é mediatizada e determinada pelo tecido social, ou seja, ele atua conforme os interesses da classe em que está inserido. Do ponto de vista da dominação, o intelectual é definido pela elite como representante da sua hegemonia, agente do grupo social a que pertence e responsável pelo consenso ideológico. O fato de pertencer ao campo letrado não significa que o intelectual não possa participar de outros campos. Pelo contrário, o campo letrado e o campo político podem se aproximar e estabelecer relações de poder por meio dos seus agentes, que possuem determinado capital simbólico e cultural.

Os intelectuais em questão atuaram nesse contexto como produtores de capital simbólico e simultaneamente lutaram pelos interesses da elite sorocabana e pelos seus próprios interesses, com a finalidade de controlar o monopólio da produção cultural do capital simbólico. Os intelectuais assumiam o papel de porta-vozes da classe social a que pertenciam e para a qual suas ideologias eram direcionadas. Seus interesses eram materializados por seus discursos, artigos, ideias e posicionamentos políticos. Ao materializar determinado capital simbólico, os intelectuais de Sorocaba imprimiam na sociedade sorocabana a cosmovisão pensada e articulada no campo político.

Pretendo mostrar neste trabalho que os empreendimentos discursivos e também os posicionamentos políticos dos agentes eram estratégias para perpetuar a unidade enquanto grupo e condição para solidificar sua posição no espaço social sorocabano.

Nessa perspectiva, centro a atenção na figura de alguns intelectuais maçons e presbiterianos que expressavam suas opiniões pelos jornais ou que se destacaram no cenário político em Sorocaba. A historiografia maçônica elaborada por José Aleixo Irmão a respeito da atuação da maçonaria na cidade de Sorocaba dá especial destaque a essas figuras. Sua obra é composta de 6 volumes. O texto de certa maneira reúne algumas informações históricas, porém não apresenta uma problematização das fontes analisadas. Apenas mostra de forma descritiva aquilo que fazia parte das intenções políticas dos dirigentes ligados à maçonaria sorocabana, uma reprodução das ações dos maçons na cidade de Sorocaba em várias épocas.

Nesse sentido, faz-se necessário analisar e problematizar tais ações no intuito de perceber aquilo que eles pretendiam configurar no espaço social. Como já foi apontado, muitos dos interesses apresentados nos jornais ou no interior das lojas estavam intencionalmente ligados à solidificação da hegemonia do grupo dirigente. É o caso do trio Ubaldino do Amaral, Maylasky e Júlio Ribeiro.

Ubaldino tinha em suas mãos a redação do jornal *O Sorocabano*, no qual redigiu inúmeros artigos com a finalidade de construir um consenso em relação as suas pretensões pessoais e políticas.

Na edição de 3/6/1870, escreve um artigo sobre a necessidade que a cidade possuía de água. Nessa mesma época, ele tinha companheiros maçons na Câmara Municipal: Olivério Pillar, João de Aguiar, Fernando Lopes Souza Freire, Antonio Lopes de Oliveira. Os problemas discutidos no interior da loja ganhavam dimensão pública por intermédio do jornal com o intuito de produzir um consenso em torno das ideias postuladas. Em seu artigo sobre a necessidade de água, Ubaldino pede o bom-senso dos dirigentes políticos sobre o assunto.

Outros temas que aparecem no mesmo jornal faziam parte das reflexões de Ubaldino e Maylasky: a questão do matadouro (19/6/1870), o Brasil e a inquisição (29/6/1870), a industrialização (21/7/1870); neste artigo em especial Ubaldino transcreve um texto publicado no jornal *O Americano*, no qual se afirma que o industrialismo há de revigorar o mundo moral, dando-lhe alimento novo. No mesmo jornal, eles retomam a defesa

do algodão, descrevendo a importância do seu cultivo. Diziam tratar dos interesses da municipalidade (*O Americano*, 3/8/1870), porém os artigos se relacionavam com seus próprios interesses políticos e econômicos. O jornal de 11/3/1870 publicou os atos da Câmara dos Deputados que aprovaram o projeto de construção da estrada de ferro que ligaria Itu a Sorocaba. Defendiam a necessidade de um cemitério protestante, bandeira também levantada por Júlio Ribeiro (*O Sorocabano*, 6/10/1870).

Na edição de *O Sorocabano* de 23/4/1871 começaram a ser publicados alguns artigos de Júlio Ribeiro. Enquanto intelectual protestante e maçom, Júlio Ribeiro defendia também os interesses de Maylasky e de Ubaldino. Estes, por sua vez, defendiam os interesses de Júlio Ribeiro ligados ao campo religioso.

Segundo Lessa (1938), Júlio Ribeiro foi recebido por profissão de fé e batismo pelo Rev. Chamberlain em 17 de abril de 1870, em São Paulo. No ano seguinte, casou-se em Sorocaba com a filha do comerciante José Anthonio de Souza Bertholdo (4/2/1871). Foi o segundo registro de casamento não católico que ocorreu na cidade. Na certidão expedida pelo celebrante, o mesmo missionário americano Rev. G. W. Chamberlain:

Eu abaixo assinado certifico, que aos quatro do mês de Fevereiro do ano de mil oitocentos e setenta e um pelas oito horas da tarde, na casa de José Antonio de Souza Bertholdo tendo corrido os proclamas de costume sem se descobrir impedimento, e vendo presentes por testemunhas os senhores José Leite Penteado, José Antonio Cardoso, Ubaldino do Amaral Fontura, José Pereira da Fonseca, e Manoel Lopes de Oliveira. Celebrei pelo Rito religioso da Igreja Evangélica, da qual sou pastor, o acto do casamento do Senhor Julio Cesar Ribeiro, estando solteiro, da idade de vinte e seis anos, filho legitimo de George Washington Vaughan e Maria Francisca Ribeiro, natural de Sabará, Minas Gerais, profissão Mestre de línguas, como domicilio em Sorocaba e morador atualmente na mesma cidade e a Senhora Dona Sophia Aureliana de Souza, estado solteira, da idade de quatorze anos, filha legitima de José Antonio de Souza Bertholdo e Antonia Maria de Souza com domicilio em Sorocaba, e moradora atualmente na mesma cidade, do que tudo passo esta certidão que por ser verdade assino. Sorocaba quatro de fevereiro de mil oitocentos e setenta e um. Rev. Sr. G.W. Chamberlain (Livro de Registro de casamento de Nacionais e Estrangeiros, não-católicos, n. 85).

Todas as testemunhas do casamento estavam ligadas à Loja Perseverança III, frequentada por Júlio. A relação dele com os maçons e os protestantes era bem estreita na época: seu próprio sogro era maçom, e ao mesmo tempo a família de sua esposa foi o primeiro grupo que ingressou no presbiterianismo em Sorocaba.

Conforme o livro de matrículas da Loja Perseverança, Júlio Ribeiro entrou para o quadro da maçonaria sorocabana em 25 de fevereiro de 1871, logo após o seu casamento, certamente por influência do sogro. Nesse mesmo ano nasceu seu primeiro filho, conforme informações do Livro de Registro de Nascimento de estrangeiros e nacionais acatólicos (1875, p. 4), que confirmam sua filiação ao presbiterianismo nesse momento.

O campo intelectual era o palco de atuação de Júlio Ribeiro em Sorocaba. Além de articulista do jornal, ele dava em sua casa aulas particulares de latim, inglês, francês, geografia, sistema métrico. Cobrava a quantia de 5\$000 mensais para as aulas de línguas e 3\$000 para as primeiras letras, objetivando seu sustento na cidade (*O Sorocaba*, 10/11/1872, p. 4). Como jornalista, Júlio Ribeiro foi porta-voz de Matheus Maylasky e Ubaldino para propagar pela imprensa os seus ideais. Ambos necessitavam dos recursos literários e intelectuais de um companheiro maçom, dotado de capital cultural valorizado pela elite

sorocabana. Desprovido de capital econômico por não pertencer a uma família aristocrática, Júlio dispunha de capital intelectual, que o projetava no campo letrado sorocabano. Portanto, para tornar-se conhecido, materializou sua bagagem intelectual na imprensa jornalística sorocabana, na produção de obras literárias e ações políticas. Mas ele não dependia somente do seu capital cultural; utilizou-se também de forma estratégica das relações de poder que lhe garantiam ascensão social e política. Júlio Ribeiro foi transferido da Loja América, de São Paulo, segundo Aleixo (1999, p. 103), e filiou-se à Perseverança III em 25 de fevereiro de 1871. Bertholdo, Maylasky, Ubaldino, Júlio Ribeiro, Francisco de Abreu, Marciano da Silva e outros estavam ligados por relações de poder estabelecidas no campo maçônico sorocabano. Silveira (2005, p. 26) afirma:

Deve-se levar em conta que, para a compreensão da trajetória “intelectual” de Júlio Ribeiro, é inconcebível separar do nome de autor o nome próprio, ou seja, o sujeito da obra dos dados biográficos. Isso porque, tanto no âmbito “estrito” de sua produção quanto no da esfera de seu reconhecimento por outros, as intervenções e tomadas de posição do homem/escritor no cenário sociocultural da época se enredaram na trama de sua experiência individual e social. Em síntese, o nome próprio e o nome de autor foram instâncias que se mesclaram; afinal, seus escritos, fossem os do jornalista, fossem os do romancista – forma pela qual ele se expressou e se posicionou frente ao debate político –, constituíam os dados à disposição do universo letrado a partir dos quais se podia elaborar certa imagem de Júlio Ribeiro. Sobretudo, sua condição de homem de imprensa e professor dava-lhe o atributo de “homem público”, tornando ainda mais visadas suas atitudes. O nome de autor e o nome próprio, nesse aspecto, misturaram-se muitas vezes, embora nem sempre questões pessoais tenham sido, para Júlio Ribeiro, motivo para o desencadeamento de polêmicas.

O trabalho de Silveira traz uma rica abordagem da figura polêmica de Júlio Ribeiro. Versa sobre sua vida e contribuição para o contexto sorocabano, mostrando-o como um intelectual que se posicionou diante do embate político na sociedade sorocabana no fim do século XIX, o que é do nosso interesse destacar. A trajetória intelectual de Júlio Ribeiro poderia ser analisada por meio da imprensa sorocabana e de seus escritos literários, embora tivesse uma atuação além das fronteiras da cidade de Sorocaba. Meu recorte a respeito da sua atividade intelectual em Sorocaba restringe-se ao enfoque que proponho neste trabalho: homem da imprensa sorocabana quando teve a oportunidade de ser redator de dois jornais da cidade – *O Sorocabano* e *Gazeta Comercial* – e intelectual no campo literário.

Nesse aspecto, a imprensa era o cenário de batalhas apaixonadas e envolventes que muitas vezes se transformavam em verdadeiros “combates bélicos” de idéias. Júlio Ribeiro e outros contestadores da época, além de terem-se apropriado do repertório científico estrangeiro como suporte para a discussão de temas que consideravam essenciais em sua oposição ao regime imperial, incorporaram-no como valor ético e científico das polêmicas (SILVEIRA, 2005, p. 16).

A respeito da produção literária de Júlio Ribeiro, podemos destacar algumas obras: *O Padre Belchior de Pontes* (1876), *Gramática portuguesa* (1881), *Cartas sertanejas* (1885) e *A carne* (1888). Segundo Silveira (2008), as obras de Júlio Ribeiro eram bem recebidas no campo letrado paulista, sobretudo o livro *O Padre Belchior de Pontes* e a *Gramática portuguesa*. O texto *O Padre Belchior de Pontes* foi publicado inicialmente na *Gazeta Comercial* entre 1874-1875, jornal de propriedade de Júlio Ribeiro. Silveira faz o seguinte comentário sobre essa obra:

A trama, de fundo histórico, é encenada na São Paulo colonial e inicia-se com o amor entre dois adolescentes: Belchior, português de sangue mestiço e plebeu de poucas posses, e Branca Castanho Taques, fidalga de “sangue puro”. O contraste de posições sociais já anuncia as dificuldades para a consumação daquele amor, que irá, em definitivo, ser impedido pelo ingresso de Belchior na Companhia de Jesus, a qual lhe incute a idéia de que ele era um predestinado à missão jesuítica. Isso com o fito de impedir seu casamento com Branca, pois, uma vez obrigado pelo celibato a renunciar aos desejos humanos, especialmente aos carnavais, deixaria o caminho livre para Branca casar-se com um membro da família Rodrigues. Assim, os jesuítas, na verdade, tinham interesse em unir as duas principais famílias paulistas – Taques e Rodrigues – como forma de evitar desavenças entre elas e de incitar a revolta contra a Metrópole (a Guerra dos Emboabas). Com esse plano político, traçou-se o destino de Belchior, que foi usado como joguete pelos religiosos. Quando, mais tarde, Belchior, já ordenado padre, descobre a manobra que o separou de Branca, denuncia a tramóia a Amador Bueno, assim referindo-se à Companhia de Jesus... Essa presença silenciosa, no entanto onipresente, da Companhia de Jesus constitui-se na matriz do romance ribeiriano. Os diversos outros elementos que compõem a trama histórica do livro, como o conflito entre paulistas e a Metrópole na disputa pelo ouro descoberto em Minas Gerais (de onde brota outro tema presente na narrativa, o da consolidação de um sentimento de nacionalidade entre os paulistas), sem falar no próprio motivo desencadeador da narrativa – o romance irrealizável entre Belchior e Branca –, estão todos subjugados a este tema mais amplo que é o da crítica à Igreja Católica, sintetizada na Companhia de Jesus (SILVEIRA, 2005, p. 55).

Na obra *Padre Belchior*, Júlio Ribeiro como intelectual se mostra anticlerical, talvez por duas razões: por pertencer ao campo religioso protestante e também ao campo maçônico sorocabano – campos distintos, mas que viam no catolicismo um inimigo comum. Em sua obra *A carne*, Júlio Ribeiro retorna sua crítica ao catolicismo e talvez ao presbiterianismo no que diz respeito às proibições que tais religiões impunham à liberdade humana. Em *Cartas sertanejas*, publicadas inicialmente no jornal *Diário Mercantil de São Paulo*, Júlio Ribeiro, entre muitos assuntos polêmicos, combatia as qualidades intelectuais e o despreparo político de Campos Salles e Prudente de Moraes, eleitos para a Assembleia Geral em 1885.

Penso que a produção literária de Júlio Ribeiro se apresentou como polêmica e apologética – polêmica porque trazia para o centro da sua produção assuntos que confrontavam diretamente interesses de outros agentes sociais que não pertenciam ao campo político de Júlio; apologética porque externavam interesses políticos e pessoais do referido intelectual. Seu posicionamento político e ideológico foi extremamente importante para sua inserção no campo intelectual e político da cidade de Sorocaba, pois levou a entender que o modelo político sustentado pelo Império era um retrocesso para o processo de modernização do Brasil e, conseqüentemente, para a própria cidade sorocabana. Isso vinha ao encontro dos interesses da elite de Sorocaba, que desde a década de 1870 se posicionava politicamente na construção de uma sociedade republicana. O modelo seria implantado muitos anos depois, mas o grupo social a que Júlio pertencia nessa década já almejava a construção de uma sociedade mais democrática e liberal. Esse grupo social era formado por maçons e protestantes que estabeleciam relações de poder para a solidificação dos seus interesses recíprocos. Do mesmo modo que Barbanti (1977, 1986) caracterizou como um movimento geral da sociedade paulista da época, as alianças oferecidas por maçons, liberais e republicanos ao movimento protestante, e vice-versa, aconteciam também em Sorocaba. Como intelectual Júlio Ribeiro expôs sua opinião sobre diversos temas, os quais a configuração das forças desse campo fazia predominar na cidade: abolição, religião, instrução e política.

Talvez a sua obra literária e alguns dos seus posicionamentos ao longo da sua trajetória intelectual, ao confrontar diretamente certas doutrinas do protestantismo, expliquem a sua marginalização pela historiografia protestante. Lessa descreve-o como ateu: “Muito embora Júlio Ribeiro tivesse vacilado na fé, sua velha progenitora D. Maria Francisca permaneceu firme em suas crenças” (1938, p. 82). Essa marginalização de Júlio no campo historiográfico presbiteriano pode ser justificada pela própria teoria do campo em Bourdieu, ou seja, quando determinado agente que pertence a um campo específico não corresponde por meio do seu capital social ou cultural aos interesses desse campo, sofre coerção interna, sendo extirpado dele (BOURDIEU, 2004b).

Se no campo maçônico sorocabano Júlio Ribeiro garantiu prestígio ao assumir a redação de dois jornais, sua posição no campo religioso parece ter sido precária, no sentido de que, embora confessasse nesse período o presbiterianismo, tinha apoio dos membros católicos pertencentes à Perseverança III. Não obstante, por intermédio de artigos de jornais Júlio Ribeiro se mostrava anticlerical ao combater as posturas do clero sorocabano. Também na sua obra *O Padre Belchior de Pontes* ele deixa antever seu repúdio ao movimento jesuíta. Segundo Silveira (2005, p. 50),

foi com esse grupo de homens que defendiam medidas “progressistas” que Júlio Ribeiro se identificou e se relacionou em Sorocaba, nos dois momentos em que atuou na imprensa da cidade. Tanto no período durante o qual trabalhou nos jornais Sorocabano e Sorocaba (de 1871 a 1872), como na época em que dirigia a Gazeta Comercial (de 1874 e 1875), demonstrou que identificava e apoiava as causas e temas que faziam parte da atividade política dos maçons de Sorocaba, entre os quais ele mesmo se incluía. Embora fossem quase todos católicos, os membros da loja Perseverança III mostravam-se solidários aos presbiterianos, sempre que os direitos dos protestantes da cidade eram feridos. Afinal, eram homens que se consideravam afinados com os propósitos do progresso e que julgavam válida a identificação da idéia de civilização com a liberdade religiosa e o direito dos cidadãos de professarem outros credos. Ainda que não constituíssem maioria, muitos maçons eram protestantes, como o autor ora em estudo.

Na trajetória intelectual de Júlio Ribeiro percebe-se uma aproximação entre presbiterianos e maçons contra um arqui-inimigo comum: o catolicismo. Numa disputa de poder, no campo brasileiro, a reação católica foi desencadeada pelos seus líderes, que tentaram construir um imaginário destrutivo tanto da maçonaria como do protestantismo.

Este nome fantástico de franco-maçonaria vem-lhes, segundo parece, da Escócia. Depois que o Papa Clemente V e o rei da França Felipe, o Belo, aboliram com justíssima razão, no princípio do século XIV, a Ordem dos templários muitos destes infames fugiram para a Escócia, e ali se constituíram em sociedade secreta, votando ódio implacável e eterna vingança ao Papado e à Realeza. Para melhor disfarçar suas tramas, afiliaram-se a corporações de pedreiros, tomaram suas insígnias e gíria, e espalharam-se mais tarde por toda a Europa, protegidos pelo protestantismo (*O Apóstolo*, 8/1/1871, p. 15 *apud* BARATA, 1999, p. 106).

Em artigo publicado em fins de 1870 no *Correio Paulistano*, Júlio critica a união entre o Império brasileiro com a religião oficial. O artigo é intitulado “Liberdade religiosa”:

A fonte principal das misérias de uma nação [...]. Sem religião não há sociedade, e com religião de Estado não há religião nenhuma [...]. Um homem que tem a desgraça de nascer em um país onde há religião de Estado,

tem de herdá-la forçosamente, como o filho do [ilegível] as úlceras de seu pai. Ou perder os mais caros direitos políticos e sociais, ou ser religiosa á moda de quem o precedeu. Poucos têm a coragem de se relegar no meio da sociedade, de tornar-se país civilizado [...]. Ninguém discute que religião há de abraçar, como também não se discute o uso da casaca preta e gravata branca. São injunções a que só não pode esquivar alguém: fugindo-se a esta, atendem-se ás conveniências; escapando-se daquela, fica-se isolado. Ora, uma religião indiscutível, imposta, necessária, atrofia a consciência, mata os sentimentos. Dai essa descrença, essa falta de patriotismo, esse positivismo material que converte os estadistas em máquinas de subir. Dai essa corrupção, de costumes, esse apego ás riquezas, esse enervamento moral que degrada os homens e amesquinha a grandeza do amor da família e da sociedade. Falam todos nos Estados-Unidos: o primeiro manancial da prosperidade [...] do progresso é a liberdade de que guia em matéria de religião. Ali se apurara os sentimentos, vitaliza a energia, recende-se o entusiasmo que [ilegível] por centenas de missionários ardentes que, de Bíblia em punho, [ilegível] até o coração da Ásia e da Oceania. Tal requinte de fervor religioso não é e nem pode ser compreendido no Brasil, ou em qualquer outro país que tenha religião de Estado (CORREIO PAULISTANO, 4/10/1870).

Nesse pequeno trecho, entre outras coisas, Júlio Ribeiro mostra o atraso que caracteriza o Brasil Imperial e faz uma apologia da nação norte-americana como exemplo de progresso e liberdade. Percebe-se nitidamente que Júlio critica a religião católica e defende o protestantismo. Em Sorocaba, ele lança forte polêmica contra o catolicismo. O movimento jesuíta era visto por Júlio Ribeiro como um processo de escravização da consciência, ou seja, impedia as pessoas de terem acesso a outro tipo de pensamento ou talvez de ideologia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho tentou contemplar parte da trajetória de Júlio Ribeiro como intelectual protestante e maçom, mostrando que a sua atuação na época se dava de acordo com as ideologias que circulavam nos mais variados campos sociais de Sorocaba. A cidade vista como espaço de poder e circulação de ideias explicita como os agentes sociais dos mais variados campos agem com o objetivo de garantir sua hegemonia e poder.

Entre as estratégias dos intelectuais, o jornal ocupa um lugar público de transmissão e circulação de ideologias, visando consolidar a proposta modernizadora da elite sorocabana. A ação de Júlio Ribeiro analisado por meio da categoria de intelectual que estabeleceu relações de poder com vários agentes sociais de Sorocaba representa uma contribuição para o estudo dessa personagem considerada polêmica pela historiografia.

Para defender sua ideologia, esses agentes sociais colocaram-se como porta-vozes do processo de modernização e para tanto ocuparam o espaço urbano, transformando-o em campo de poder. A imprensa jornalística e seus intelectuais ofereceram suporte discursivo para convencer outros agentes sociais da elite sorocabana sobre a necessidade de modernizar a cidade. Fica evidente que a modernização pleiteada pela “nova” elite sorocabana foi possível porque alguns dos seus membros ocupavam vários campos da cidade – político, religioso e educacional –, entre eles o maçom presbiteriano Júlio Ribeiro, que atuou como intelectual, com a finalidade de estabelecer relações de poder entre presbiterianos e maçons. Nessa perspectiva, o trabalho mostra que a presença de Júlio Ribeiro em Sorocaba tinha um objetivo mais amplo do que o apresentado pela historiografia maçônica, que sustenta motivos meramente maçônicos, tanto quanto o dos historiadores do presbiterianismo, que o apresentam apenas como converso.

Suas contribuições enquanto intelectual protestante e maçom podem ser observadas no uso da imprensa jornalística da cidade, sendo redator do jornal *A Gazeta Comercial*, o qual estava comprometido em disseminar as ideias modernizantes da elite sorocabana, além de propagar ideias ligadas à abolição dos escravos, à construção da estrada de ferro, à modernização da cidade e a ideais republicanos. Uma das suas lutas na imprensa sorocabana deu-se em relação ao direito dos protestantes de serem enterrados nos cemitérios da cidade, polêmica que tomou conta de várias páginas dos jornais. Júlio Ribeiro também possibilitou o contato dos missionários norte-americanos em Sorocaba com os maçons. Ele pertencia à Loja Maçônica América, frequentada por outros maçons como Rui Barbosa, Américo de Campos, Joaquim Nabuco, Francisco Rangel Pestana. Em Sorocaba, filiou-se à Loja Perseverança III, onde ocupou vários cargos. Influenciado pelas ideias dos maçons mencionados, participou das lutas que combatiam a política imperial.

Como educador, deu algumas aulas particulares em sua própria casa. Os documentos pesquisados não permitiram observar uma maior participação dele em outras instituições educacionais. No período estudado, os maçons estabeleceram uma escola noturna destinada aos filhos de escravos (SILVA, 2007). Não há indícios de que Júlio tenha ministrado aulas nessa instituição educacional.

Além disso, Júlio Ribeiro utilizou o jornal para transcrever uma das suas principais obras literárias, *A carne*, texto que propunha discutir entre outras coisas a sexualidade feminina e a questão da mulher na sociedade. Como intelectual, influenciado pela geração de 1870, Júlio era um homem preocupado com as questões do seu tempo. Atuou nos mais variados campos sociais com o objetivo de colocar em prática os ideais do grupo a que pertencia. Na obra *Padre Belchior*, também publicada inicialmente no jornal *A Gazeta Comercial*, Júlio mostra-se anticlerical, provavelmente porque pertencia ao campo religioso protestante e ao campo maçônico sorocabano.

O presente trabalho apresenta-se como uma leitura da vida desse intelectual, sugerindo nesse sentido a possibilidade de um maior aprofundamento sobre o assunto, pois sua trajetória, a produção literária, suas articulações políticas e educacionais foram abrangentes e de certa forma responderam a um momento histórico específico, que legitimava seus discursos e suas ações. Além disso, outras leituras poderão ser feitas por meio das mesmas fontes primárias aqui analisadas ou de outras.

REFERÊNCIAS

ALEIXO IRMÃO, José. **A Perseverança III e Sorocaba**. Da fundação à proclamação da República. Sorocaba: Fundação Ubaldino do Amaral, 1999.

ALMEIDA, Aluisio. **História de Sorocaba** – 1882-1889. Sorocaba: Gráfica Guarani, 1951.

ALONSO, A. Teorias para a Reforma. In: _____. **Idéias em movimento**. A geração de 1870 na crise do Brasil-Império. São Paulo: Paz e Terra, 2002. p. 165-262.

BARBANTI, Maria Lúcia S. Hilsdorf. **Escolas Americanas de confissão protestante na Província de São Paulo** – um estudo de suas origens. Dissertação (Mestrado)–Universidade de São Paulo, São Paulo, 1977.

_____. **Francisco Rangel Pestana**: jornalista, político, educador. Tese (Doutorado)–Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1986.

BARATA, Alexandre Mansur. **Luzes e sombras**. A ação da maçonaria brasileira (1870-1910). Campinas: Unicamp, 1999.

BONTEMPI JR., Bruno. Modelos de instrução e cultura política: os países estrangeiros no “Inquérito sobre a instrução pública no estado de São Paulo e suas necessidades” de 1914. **History of Education & Children’s Literature**, 2008, p. 265-284.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2004a.

_____. **Intelectuales, política y poder**. Buenos Aires: Eudeda, 2007. 260 p.

_____. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

_____. **Razões práticas: sobre a teoria da ação**. Campinas: Papius, 1996.

_____. **Usos da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico**. São Paulo: Unesp, 2004b. 86 p.

CAVALHEIRO, Carlos Carvalho. **Scenas da escravidão: breve histórico sobre a escravidão negra em Sorocaba**. Sorocaba: Create, 2006.

GONDRA, José Gonçalves. **Artes de civilizar: medicina, higiene e educação escolar na corte Imperial**. Rio de Janeiro: Uerj, 2004.

HILSDORF, Maria Lúcia Spedo. **História da educação: leituras**. São Paulo: Thompson, 2003. 134 p.

_____. **Simonton e o panorama religioso do Brasil nos meados do século XIX**. In: SIMONTON, 140 anos de Brasil. São Paulo: Mackenzie, 2000. p. 29-50.

LESSA, Themuldo Vicente. **Annaes da 1.ª Igreja Presbiteriana de São Paulo (1863-1903)**. São Paulo, 1938. 730 p.

MENDONÇA, Antonio Gouvêa. **O celeste porvir: inserção do protestantismo no Brasil**. São Paulo: Edusp, 2008. 372 p.

MORAES, José Geraldo V. de. **Cidade e cultura urbana na Primeira República**. São Paulo: Atual, 1994. 116 p.

NASCIMENTO, Jorge Carvalho. Alemanha, França, Estados Unidos: a pedagogia de Silvio Romero diante do espelho. In: _____. **Intelectuais da educação: Silvio Romero, José Calasans e outros professores**. Maceió: Ufal, 2007. p. 39-54.

OLIVEIRA COBRA, Eduardo Carlos. **Júlio Ribeiro: educação e religião no Brasil Oitocentista**. 178 p. Tese (Doutorado em Educação)–Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, 2011.

PAVAN, Diva O.; PASSOS, Laurizete Ferragut. **Cidade e instituição escolar nas trajetórias e práticas educativas de professoras**. Disponível em: <http://www.faced.ufu.br/colubhe06/anais/arquivos/34DivaPavan_LaurizetePassos.pdf>. Acesso em: 6 out. 2009.

RAMALHO, Jether Pereira. **Prática educativa e sociedade:** um estudo de sociologia da educação. Rio de Janeiro: Zahar, 1976. 183 p.

REGO, Walquiria Domingues Leão. **Intelectuais, Estado e ordem democrática:** notas sobre as reflexões de Florestan Fernandes. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

SILVA, Ivanilson B. da. **A cidade, a Igreja e a escola:** relações de poder entre maçons e presbiterianos em Sorocaba na segunda metade do século XIX. Dissertação (Mestrado)-Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010. Orientação de Maria Lucia Spedo Hilsdorf.

_____. Apontamentos sobre maçonaria, abolição e a educação dos filhos de escravos na cidade de Sorocaba no final do século XIX. **Revista HISTEDBR On-line**, v. 27, p. 95-111, 2007.

SILVEIRA, Célia Regina. **Erudição e ciência:** as procelas de Júlio Ribeiro no Brasil Oitocentista. Tese (Doutorado)-Universidade Estadual Paulista, Assis, 2005.

_____. **Intervenções e polêmicas:** Júlio Ribeiro no universo letrado paulista. In: ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA: PODER, VIOLÊNCIA E EXCLUSÃO, 19., 8 a 12 de setembro de 2008, São Paulo. ANPUH/SP-USP. **Anais...**

SOUZA, Rosa Fátima. **Templos de civilização:** a implantação da escola primária graduada no Estado de São Paulo (1890-1910). São Paulo: Unesp, 1998. 302 p.

Fontes primárias

IGREJA PRESBITERIANA DE SOROCABA. **Livro de registro de rol de membros.** Sorocaba, 1.º set. 1869 a 8 out. 1922.

_____. **Primeiro livro de atas.** Sorocaba, 1.º set. 1869 a 5 set. 1887.

_____. **Segundo livro de atas.** Sorocaba, 15 set. 1886 a 30 dez. 1908.

LIVRO de registro de nascimento de nacionais e estrangeiros protestantes. Sorocaba: Gabinete de Leitura de Sorocaba, 1875.

LOJA MAÇÔNICA CONSTÂNCIA. **Livro de Atas.** Sorocaba, 1872.

_____. **Livro de jóias e mensalidades.** Sorocaba, 1850. 54 p.

_____. **Livro de matrículas.** Sorocaba, 1847.

LOJA MAÇÔNICA PERSEVERANÇA III. **Livro de atas.** Sorocaba, 1869.

Jornais

A GAZETA DE CAMPINAS. Campinas (várias edições).

A PROVÍNCIA DE SÃO PAULO. São Paulo (várias edições).

CORREIO PAULISTANO. São Paulo (várias edições).

DIÁRIO DE SOROCABA. Sorocaba, 1877-1899 (várias edições).

GAZETA COMERCIAL. Sorocaba (várias edições).

JORNAL YPANEMA. Sorocaba (várias edições).

O AMERICANO. Sorocaba (várias edições).

O SOROCABANO. Sorocaba (várias edições).

15 DE NOVEMBRO. Sorocaba (várias edições).